

# PLURIATIVIDADE E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO MEIO RURAL DO MUNICÍPIO DE MERUOCA – CE

Maria Ferreira Gomes<sup>1</sup>  
Lenilton Francisco de Assis<sup>2</sup>

## RESUMO

No Brasil, cada vez mais, pequenos agricultores que não querem deixar o campo em busca de melhores condições de vida nas grandes cidades complementam a renda com a prática de atividades não agrícolas, principalmente no setor de serviços. Todavia, a expansão dessas atividades também provoca impactos socioambientais consideráveis que precisam ser investigados. Por meio do confronto teórico-prático, este artigo analisa as formas de uso e ocupação do solo que evidenciam o surgimento de pluriatividade e os impactos ocasionados no meio rural do município de Meruoca, na região norte do Ceará.

Palavras-chave: Agricultores. Pluriatividade. Impactos socioambientais. Meruoca. Ceará.

## ABSTRACT

### *PLURIACTIVITY AND ENVIRONMENTAL IMPACTS IN THE RURAL AREA OF MERUOCA – CEARÁ*

In Brazil, increasingly, small farmers who do not want to leave the field for getting a better condition in big cities, supplement their income with the practice of non-agricultural activities mainly related to the services sector. However, the expansion of these activities also causes considerable social and environmental impacts that need to be investigated. By theoretical and practical confronting, this article analyzes the uses and soil occupation that show the emergence of pluriactivity and impacts in the rural area of the town of Meruoca in the North of Ceará State.

Keywords: Farmers. Pluriactivity. Social and environmental impacts. Meruoca. Ceará.

---

<sup>1</sup> Professora de Geografia da rede pública de ensino do Ceará, lotada na Escola E. E. M. Auton Araújo, em Ipu. Especialista em Desenvolvimento do Semiárido pela UVA (Sobral-CE). [ferreiragomes\\_maria@yahoo.com.br](mailto:ferreiragomes_maria@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professor do curso de Geografia da UVA (Sobral-CE). Doutor em Geografia Humana pela USP. [lenilton@yahoo.com](mailto:lenilton@yahoo.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O contexto econômico atual permite às populações residentes no meio rural a inserção em outras atividades que, antes, eram mais comuns às áreas urbanas. De espaço tradicionalmente marcado pela agricultura, o campo passa a incorporar, mais intensamente, a indústria e a oferta de serviços.

No Brasil, tais mudanças se acentuam nas últimas décadas e se relacionam à perda da qualidade de vida nas grandes cidades e à criação de novos valores sociais que exaltam a busca da vida no campo e a valorização da natureza como mercadoria (CARNEIRO, 1998; HENRIQUE, 2006).

A chegada da energia elétrica e as melhorias dos sistemas de transporte e comunicação viabilizam a expansão da pluriatividade no campo, com a diversificação dos postos de trabalho e o gradativo aumento de emprego e renda. No Ceará, por exemplo, o meio rural de serras úmidas como Baturité e Meruoca, torna-se, assim, pluriativo e mais procurado para lazer, trabalho e moradia.

Na esteira do crescimento das atividades não agrícolas, surgem também os problemas socioambientais que precisam ser levados em conta no momento em que se inserem novas práticas sociais no campo que “ressignificam a relação cidade-campo com o devir de novas territorialidades” (RUA, 2005, p. 2006).

Neste sentido, o presente artigo visa a analisar a inserção de pluriatividade e os impactos socioambientais no meio rural do município de Meruoca, o qual integra uma superfície elevada de serra, encravada em plena depressão semiárida, na região norte do Ceará.

Por meio do confronto teórico-prático, a pesquisa associa um breve levantamento bibliográfico sobre pluriatividade, a coleta de dados estatísticos e alguns trabalhos de campo. Através de fotografias e de entrevistas semiestruturadas<sup>3</sup>, analisamos as formas de uso e ocupação do solo que evidenciam o surgimento de atividades não agrícolas e os impactos ocasionados na área em estudo.

Deste modo, o artigo foi dividido em três seções: na primeira, apresenta a serra como uma área de exceção no semiárido e de expansão de pluriatividade, principalmente vinculada ao lazer e ao turismo. Em seguida, focaliza os impactos socioambientais que estão diretamente atrelados à ausência de ações mais efetivas do poder público na fiscalização e preservação do uso do solo. Nas considerações finais, algumas medidas são apontadas para mitigar os problemas identificados e contribuir para a temática em tela.

## 2 O MEIO RURAL DE MERUOCA: UMA ÁREA DE EXCEÇÃO NO SEMIÁRIDO E DE EXPANSÃO DE PLURIATIVIDADE

O município de Meruoca está localizado na porção noroeste do Ceará, distante aproximadamente 20 km da cidade média de Sobral e 250 km da capital Fortaleza (Mapa 1). Encontra-se inserido no maciço residual da serra da Meruoca, a uma altitude média acima de 700m, que é responsável por uma vegetação de floresta tropical úmida (mata plúvio-nebular), com precipitações regulares acima de 1.000 mm anuais e um clima mais ameno, com temperaturas que oscilam entre 18° e 24°C (LIMA, 1999).

A serra da Meruoca se estende pelas fronteiras de quatro municípios – Alcântaras, Massapê, Sobral e Meruoca (Mapa 1) – sendo que este último engloba a maior parte do território da serra de mesmo nome. Os riachos e cachoeiras se associam ao clima e à vegetação e formam na serra uma paisagem de enclave que contrasta com a caatinga que predomina nas paragens adjacentes. Este quadro fisiográfico torna a serra da Meruoca uma área de exceção no ambiente de semiárido que predomina em 92% do território cearense.

---

<sup>3</sup> Foram realizadas seis entrevistas (com dois agricultores, um agente de turismo, a coordenadora de turismo do município, o secretário de agricultura e uma vendedora de doces), no ano de 2010, que seguiram as diretrizes da pesquisa qualitativa, com perguntas abertas e dirigidas aos sujeitos sociais entrevistados.

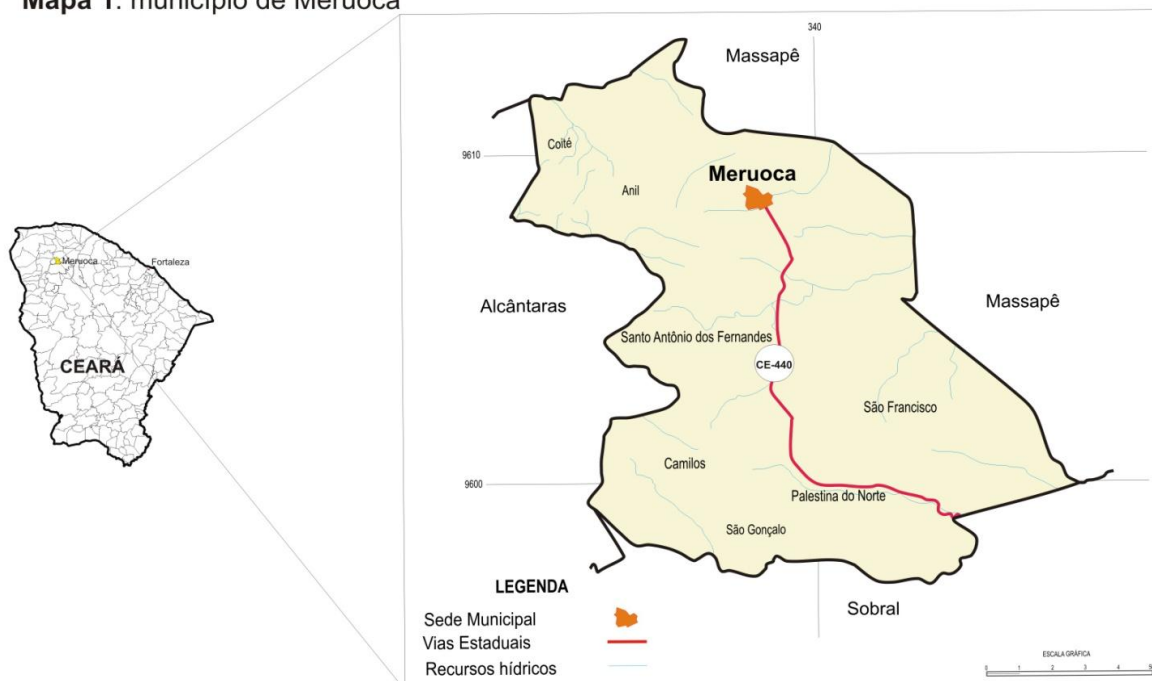
Em 2010, a população recenseada no município de Meruoca foi de 13.693 habitantes, dos quais mais da metade (54,19%) residia na área urbana (IBGE, 2010). Seguindo a tendência da urbanização registrada no Brasil, nas últimas décadas (SANTOS, 2005), tem havido uma gradativa inversão da população rural com a população urbana no município de Meruoca. Em 1970, por exemplo, de um total de 10.932 habitantes, somente 1.673 (15,3%) moravam na área urbana (Tabela 1).

Até a década de 1980, a maior parte da população da Meruoca se dedicava à agricultura de subsistência. Hoje, muitas pessoas que residem na área rural sobrevivem de outras atividades ligadas ao setor dos serviços. Conforme relata uma moradora:

[...] poucas pessoas trabalham hoje na agricultura, trabalham tomando conta de lotes, em restaurantes. Ninguém pode mais plantar, se fizer um roçado vai multado pelo IBAMA, o mato grosso não pode mais ser cortado e o fino não presta para a agricultura. Então, as pessoas estão deixando de trabalhar na roça.

Entre os agricultores pesquisados, esse problema foi identificado e dá origem a duas classes de trabalhadores: os que sobrevivem da agricultura e complementam a renda com outras atividades não agrícolas, e aqueles que deixaram completamente a agricultura e passaram a se dedicar a novos ofícios.

**Mapa 1:** município de Meruoca



Fonte: Adaptado do mapa do IPECE, 2002.

Tabela 1: Evolução da população de Meruoca – 1970, 1980, 1991, 2010

População	1970		1980		1991		2010	
	Absoluta	%	Absoluta	%	Absoluta	%	Absoluta	%
Total	10.932	100	10.487	100	10.446	100	13.693	100
Urbana	1.673	15,3	2.004	19,1	3.890	37,2	7.420	54,19
Rural	9.259	84,7	8.483	80,9	6.556	62,7	6.273	45,81

Fonte: IBGE - Censos Demográficos, 1970, 1980, 1991 e 2010.

Situação semelhante tem sido pesquisada por vários estudiosos no país (SCHNEIDER, 2003; WANDERLEY, 2008; SILVA; DEL GROSSI, 2011), os quais legam importantes observações sobre as mudanças que se processam no campo brasileiro com o incremento de atividades não agrícolas em consórcio com a agricultura tradicional<sup>4</sup>. Como indica Pires (2007, p. 34), tais mudanças devem ser entendidas na perspectiva da “multidimensionalidade” que hoje redefine o rural (e, simultaneamente, o urbano nas suas inter-relações):

Levar em conta a multidimensionalidade significa, por assim dizer, considerar que o rural não é mais lugar privilegiado das atividades agrícolas. Embora elas ainda sejam importantes, a sociedade rural não pode mais ser considerada como sinônimo de uma sociedade setorial. A ideia da multidimensionalidade envolve a relação entre setores agrários e não agrários, o que implica uma mudança nas formas de análise e de políticas públicas que durante muito tempo foram desenvolvidas. Não desprezar, portanto, essa dupla função – produção/consumo – passa a ser fundamental para entender a dinâmica das áreas rurais contemporâneas.

Ainda que tais estudos apontem algumas das reais mutações que se processam no meio rural brasileiro, também não faltam críticas à metodologia e aos conceitos utilizados pelos teóricos da pluriatividade. Suzuki (2007, p. 10), por exemplo, destaca as contradições que existem na definição de ocupação rural não agrícola, o qual, segundo esse geógrafo, “[...] é simplificadora no que concerne à definição do *locus* da ocupação, quanto ao setor da atividade econômica. Como pode ser rural se sua natureza é urbana? Assim, o mais adequado seria falar de uma ocupação não agrícola no campo<sup>5</sup>”.

Sem adentrarmos nesse debate teórico, delimitamos a seguir o conceito de pluriatividade, considerando alguns fatores que direcionam a análise empírica, tais como os expressos na definição de Schneider (2009, p. 153) que será adotada na pesquisa:

[...] a pluriatividade que ocorre no meio rural refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de pelo menos duas atividades, sendo uma delas a agricultura. Estas atividades são exercidas por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico ligado por laços de parentesco e consanguinidade (filiação) entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consanguíneos (adoção), que compartilham entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) e se identificam como uma família.

Portanto, dos dois grupos de trabalhadores identificados na Meruoca, apenas os primeiros podem ser enquadrados como pluriativos, já que combinam o trabalho agrícola com o não agrícola. Entre as novas atividades que surgem na serra destacam-se os bares, restaurantes, pousadas e segundas residências (Fotos 1 e 2), as quais permitem aos agricultores ou membros de suas famílias as ocupações de caseiros, garçons, domésticas, entre outras atividades que complementam a lida e o plantio da terra.

---

<sup>4</sup> Essas transformações no modelo produtivo e organizacional do campo brasileiro são mais conhecidas como “Novo Rural”, termo com frequência utilizado pelos pesquisadores do Projeto Rurbano, coordenado por José Graziano da Silva, na UNICAMP, que já tem significativa publicação disponível no site <[www.eco.unicamp.br/pesquisa/NEA/pesquisas/rurbano](http://www.eco.unicamp.br/pesquisa/NEA/pesquisas/rurbano)>.

<sup>5</sup> O debate conceitual que se inicia entre a Geografia Agrária e a Economia/Sociologia Rural, cada vez mais, leva à compreensão de que urbano e rural não são, respectivamente, sinônimos de cidade e campo, embora sejam conceitos intimamente imbricados. Aqui, desprezamos tais polêmicas, pois estas não caberiam nos limites deste trabalho. Todavia, elas podem ser encontradas em Carneiro (1998), Rua (2006) e Biazzo (2008), os quais sinalizam para o “entendimento” de que campo e cidade são categorias genéricas de melhor base empírica, enquanto rural e urbano seriam adjetivações simbólicas de modos de vida que podem ir além do campo e da cidade, tornando, assim, o rural e o urbano mais complexos e difíceis de serem delimitados e mensurados.





Foto 1: Bar e pousada em Meruoca  
Fonte: Maria F. Gomes, 2008.



Foto 2: Restaurante no Sítio Bonfim  
Fonte: Maria F. Gomes, 2008.

Conforme informações da Secretaria de Finanças do município de Meruoca, a oferta de estabelecimentos comerciais e de serviços tem crescido nos últimos anos, já sendo registrados em 2011 3 pousadas, 1 hotel, 11 restaurantes e churrascarias. Os recursos naturais que fazem da Meruoca um “oásis em pleno sertão” logo foram convertidos em potencial (eco)turístico explorado pelo Poder Público e pela iniciativa privada. Já em 1995, empresários construíram o maior empreendimento da serra, o Hotel Ytacaranha (Fotos 3 e 4), na margem da CE-440 (estrada Sobral-Meruoca), que é o principal eixo viário da serra e onde ocorre a maior concentração de segundas residências, além de bares e restaurantes, como o famoso Canto Mineiro (Foto 5).



Foto 3: Fachada do Hotel Ytacaranha  
Fonte: Maria F. Gomes, 2008.



Foto 4: Parque aquático do Hotel Ytacaranha  
Fonte: Maria F. Gomes, 2007.



Foto 5: Interior do restaurante Canto Mineiro.

Fonte: <http://blogdors.blogspot.com/2008/03/o-bom-paladar-do-canto-mineiro.html>

O clima e as paisagens naturais têm sido chamativos para a prática do turismo na serra da Meruoca. Várias são as atrações ofertadas pela Prefeitura e pelo *trade* local para atrair mais visitantes a conhecer as cachoeiras, as trilhas ecológicas e o Morro da Asa Delta, que tem uma altitude de mais de 900 m. O local é ideal para quem procura saltar ao ar livre e estar em contato com a natureza. No entanto, ainda necessita de melhor acesso, sinalização e estrutura.

O interesse da Prefeitura de Meruoca em converter o município em um destino também foi ressaltado no trabalho de Santana (2011, p. 151), no qual destaca:

As belezas naturais foram sempre ressaltadas e, nos anos mais recentes, tornaram-se mercadorias: a altitude do relevo e o clima são os principais exemplos. O usufruto do clima traz uma classe abastada que constrói residências ao longo da CE 440 – construída entre 1916 e 1918, frequenta restaurantes ou se hospeda nas pousadas, mas raramente se desloca até a cidade. Esta, por sua vez, tem no turismo uma das grandes aspirações econômicas e tenta desenvolver ações que consigam levar os turistas a visitá-la. A página do site da prefeitura resalta essa atividade econômica como uma das mais significativas potencialidades.

Outra atividade que vem ganhando destaque na zona rural da Meruoca é a prática do ecoturismo, para quem gosta de esportes de aventura. Da cidade até a “pedra do boção”, local onde é realizado o rapel, percorre-se cerca de 1 km pela trilha. Além do rapel, outros esportes podem ser praticados na serra em contato com a natureza.

As segundas residências também vêm proliferando no meio rural de Meruoca. Desde os anos de 1970, casas, sítios e chácaras passaram a ser usadas para o lazer de final de semana das famílias mais abastadas de Sobral (Fotos 6 e 7). Além disso, as segundas residências ali instaladas também são fontes de empregos temporários ou permanentes para famílias pluriativas que associam o cultivo da roça com o trabalho de caseiro, doméstica ou vigilante, como forma de complemento da renda familiar.



Fotos 6 e 7: Segundas residências nas margens da CE-440. Fonte: Lenilton Assis, 2008.

No primeiro estudo sobre a expansão desses domicílios na serra, Coelho (1999) questionou se estaria ocorrendo “uma rurbanização nos contrafortes da Meruoca”, fenômeno esse que agregaria um elemento novo no contexto das relações cidade-campo, com a fixação de residências de habitantes da cidade nos campos periurbanos.

Em trabalho mais recente, Assis (2007, p. 8-9) detectou que

[...] As residências secundárias do município de Meruoca apresentam uma distribuição espacial difusa, mas com forte concentração linear nas margens da estrada Sobral-Meruoca (CE-440). [...] Até meados da década de 1990, a abertura de loteamentos era feita sem nenhum controle ou conhecimento da prefeitura de Meruoca. Os agentes imobiliários vendiam os terrenos a preços módicos,

possibilitando a muitas famílias sobralenses realizar o “sonho” da casa da serra. Nessa década, por exemplo, muitos gaúchos que chegavam a Sobral para trabalhar na recém-instalada fábrica da Grendene (1993) adquiriram lotes e casas na Meruoca para aliviarem o calor a que não estavam acostumados.

A inserção de atividades não agrícolas no meio rural de Meruoca tem proporcionado mudanças econômicas, sociais e ambientais que alteram as relações de trabalho dos agricultores e a convivência entre moradores e visitantes. São novos hábitos e costumes, novas práticas sociais que originam novas territorialidades e também problemas socioambientais.

### 3 OS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS E NÃO AGRÍCOLAS

A serra da Meruoca, por ser uma região úmida inserida em meio ao semiárido nordestino, apresenta-se mais favorável ao desenvolvimento agrícola, pois o solo existente é rico em nutrientes propícios ao cultivo não só da agricultura, mas também de fruticultura e hortaliças.

Predomina na região a agricultura tradicional de subsistência (feijão, milho e mandioca), o cultivo de frutas (laranja, manga, abacaxi, maracujá, abacate, goiaba, banana e caju) e de uma grande variedade de hortaliças que fazem da serra da Meruoca um celeiro regional.

Conforme os dados do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), em 2005, o número total de imóveis rurais existentes no município era 499, divididos em médias e pequenas propriedades, que retratam o domínio da agricultura familiar (Tabela 2).

Tabela 2: Número e área de imóveis rurais no município de Meruoca – 2005

Imóveis	Média propriedade	Pequena Propriedade	Minifúndio	Não classificado	Total
Quantidade	6	75	397	21	499
Área (ha)	1.730	5.011	4.774	69	11584

Fonte: Anuário Estatístico do Ceará – 2007.

A hortifruticultura e as culturas de subsistência ainda são responsáveis pela fixação no campo de quase metade da população meruoquense. Também foi identificada a presença de algumas indústrias de transformação, num total de 12 estabelecimentos, conforme dados de 2005 do Cadastro Central de Empresas do IBGE. Estas, em sua maioria, localizam-se na área rural, uma vez que são pequenas indústrias de beneficiamento de doces e polpas de frutas.

No ano de 2005, teve início, na serra da Meruoca um projeto do Programa de Agricultura Familiar visando à produção e comercialização de flores<sup>6</sup> como alternativa de emprego e renda para alguns agricultores. No entanto, segundo informações de um dos integrantes do projeto, no início até que deu certo e se teve uma boa produção, mas atualmente, embora o projeto ainda esteja ativo, apresenta baixa produtividade (Foto 8).

Nas entrevistas com agricultores que participam do projeto das flores, identificamos que o insucesso do plantio se deveu, sobretudo, às orientações técnicas recebidas, que não se coadunavam com a realidade existente no meio rural de Meruoca, assim como à falta de melhor logística e de apoio para a comercialização das rosas produzidas. Muitos agricultores que, mesmo mal assessorados, acreditaram no projeto, terminaram contraindo empréstimos e hoje se encontram endividados com os bancos públicos e sem condições de contrair novos empréstimos.

O aumento das atividades agrícolas e não agrícolas em Meruoca também vem provocando significativas transformações no uso do solo que resultam em técnicas de manejo inadequadas,

<sup>6</sup> O Projeto das flores é uma parceria entre a prefeitura de Meruoca, Secretaria de Agricultura Irrigada do Estado do Ceará, Sebrae, Ematerce e Banco do Nordeste.



no avanço do desmatamento, na exposição e erosão de vertentes, além do súbito aumento do parcelamento e da especulação de terras que comprometem o equilíbrio e a preservação dos ecossistemas locais.

Os próprios agricultores são responsáveis<sup>7</sup> por muitos dos impactos socioambientais que ocorrem no meio rural de Meruoca, em virtude de manterem práticas agrícolas tradicionais que são extremamente danosas aos solos, tais como as queimadas, a não plantação em curvas de níveis, a não rotação de culturas, além da falta de respeito ao período de pousio agrícola que é necessário para o solo restabelecer os nutrientes indispensáveis à boa plantação e colheita (Foto 9).

A esse respeito, Balsan (2006, p. 125) ainda acrescenta que

[...] o uso inadequado do solo para cultivos, em respeito à sua aptidão agrícola e limitações, tem acelerado os processos de degradação da capacidade produtiva do solo, alterando, conseqüentemente, o meio ambiente. O manejo, a conservação e a recuperação dos recursos naturais são uma preocupação que atualmente mobiliza o mundo inteiro. Os danos causados à natureza e a crescente destruição do meio ambiente colocam a necessidade da sua preservação, buscando formas racionais de produção.



Foto 8: Projeto das flores  
Fonte: Maria F. Gomes, 2008.



Foto 9: Pequenos roçados com solos expostos  
Fonte: Lenilton Assis, 2009.

O constante desmatamento para o desenvolvimento da agricultura tem deixado marcas na superfície terrestre. Nas últimas décadas, o desmatamento na serra da Meruoca tem aumentado intensamente. Os pequenos agricultores não se veem em condições econômicas e nem possuem conhecimentos de manejos adequados para a preparação e cultivo da terra, e acabam por praticar um uso indiscriminado do solo. Das práticas agrícolas tradicionais, o desmatamento voltado à produção de carvão e as plantações em fileiras ao longo das vertentes formam um círculo vicioso de grande degradação do solo.

Tais problemas foram pesquisados por Falcão (2008, p. 28), que constatou uma realidade preocupante: “A serra da Meruoca encontra-se, em grande extensão, desprovida de vegetação e, conseqüentemente, desprotegida contra o processo de erosão [...]”. Muitas espécies vegetais responsáveis pela cobertura do solo desapareceram, deixando a serra com um aspecto mais seco e propício ao processo de erosão, o que acabou refletindo também no clima da região, que vem registrando um gradativo aumento da temperatura.

O que se observa na atualidade são serras destituídas de suas matas, que antes eram responsáveis pela formação de microclimas de altitude, brejos de cimeiras, fertilidade das encostas e vales, abrigo e manutenção de uma fauna variada, e

<sup>7</sup> Vale a ressalva de que essa “responsabilidade” é ainda mais imputada ao Estado que negligencia assistência técnica a esses agricultores e também campanhas de Educação Ambiental, inclusive para a divulgação da APA a toda população da Serra da Meruoca.



hoje algumas espécies vegetais típicas do semiárido nordestino, a exemplo da jurema preta (*Minosa nigra* Hub), (*Minosa tenuiflora* Benth) começam a invadir a serra, comprovando a mudança climática regional e emprestando à região um ar de degradação, principalmente no “verão”. De celeiro regional, a serra da Meruoca passou a importadora dos produtos agropecuários que consome e da madeira de que necessita (FALCÃO; SILVA, 2003, p. 18).

Esta situação se torna ainda mais grave porque não existe na serra da Meruoca uma fiscalização efetiva sobre o uso do solo. Em 2005, foi apresentado na Câmara Federal um projeto para a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) da serra da Meruoca<sup>8</sup>. A APA está sendo implantada e administrada pelo IBAMA e visa impedir o desenvolvimento de atividades que causem a degradação ambiental, entre estas, o desmatamento e as queimadas que aceleram o processo de degradação do solo. Até o momento, sua implantação não tem repercutido de forma mais eficaz na preservação da floresta. Há também falta de diálogo com os agricultores e de maior conhecimento da APA por parte da população em geral, o que leva muitos meruoquenses a enxergar o IBAMA como um órgão que coíbe e prejudica os agricultores e não como mais um aliado a contribuir para a salvaguarda dos ecossistemas locais.

Os dados do PIB municipal confirmam o decréscimo da participação da agropecuária na economia do município, a qual já foi de 18%, em 2000, caindo para cerca de 10% em 2004; em 2008 teve uma ligeira recuperação para cerca de 15%. Os serviços, ao contrário, destacam-se, tanto pela variação deste setor, quanto pela recuperação da agropecuária nesse mesmo período. E ainda sinalizam que, de fato, tem havido um incremento de atividades não agrícolas no município, as quais redefinem e reduzem o impacto econômico da agropecuária, mas não a liquidam totalmente.

Tabela 3: PIB municipal de Meruoca por setor de atividade – 2000, 2004 e 2008

Setores	2000	2004	2008
Agropecuária	18,0%	10,06%	14,87%
Indústria	2,5%	15,80%	12,16%
Serviços	79,6%	74,14%	72,97%

Fonte: IPECE. Perfil Básico Municipal 2000, 2004 e 2008.

A agropecuária é um setor de elevada importância na economia de Meruoca, pois embora esteja em decréscimo e não seja responsável pela maior receita do município, sem dúvida ainda é o que mais emprega a mão de obra local, conforme atestam os dados da Tabela 4. Mesmo agregando todas as atividades que conformam o setor de serviços, a agropecuária ainda se destaca na Tabela 4, na qual constatamos que esta atividade, em 2008, era responsável pela geração de emprego para mais de 2000 famílias.

<sup>8</sup> O Projeto de autoria do senador Inácio Arruda foi aprovado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 24 de dezembro de 2008. A APA da Meruoca regulamenta uma área de mais de 600 hectares e busca garantir a qualidade de vida para a população, a conservação de florestas remanescentes e a proteção dos recursos hídricos, da fauna e da flora silvestre.

Tabela 4: Pessoas de 10 anos ou mais ocupadas por setor de atividade Meruoca-CE – 1980, 1991 e 2000

Atividades	Nº. absolutos		
	1980	1991	2000
Agropecuária	2242	1777	2120
Indústria de transformação	1408	44	171
Indústria de construção civil	141	169	337
Outras atividades industriais	10	36	-
Comércio de mercadorias	128	168	302
Transporte e comunicação	42	183	94
Serviços auxiliares das atividades econômicas	-	69	-
Prestação de serviços	204	119	697
Atividades sociais	122	0	125
Administração pública	33	168	203
Outras atividades	69	-	429
Total	4399	2733	4478

Fonte: IBGE-Censos Demográficos – Mão-de-Obra - 1980, 1991 e 2000.

Os dados da Tabela 4 ainda nos permitem inferir que a triplicação dos empregos vinculados ao setor de serviços entre 1980 e 2000 é mais um indicativo do aumento de pluriatividade no município de Meruoca, onde famílias de agricultores cada vez mais agregam outras formas de emprego como complemento à renda gerada pela produção e o cultivo da terra.

No Brasil, a pluriatividade se dissemina por várias regiões serranas, onde também se alastram, *pari passu*, diversos impactos socioambientais associados à abertura de novos loteamentos em áreas de declive e ao aumento da infraestrutura urbana. Tais fatores levam, por conseguinte, à valorização do solo e ao aumento da especulação imobiliária no meio rural, especialmente em virtude da venda de terrenos e habitações para a abertura de bares, restaurantes e, sobretudo, de segundas residências. A esse respeito, Wanderley (2001, p. 38) comenta que

[...] Estudos mais recentes sobre o meio rural brasileiro apontam para o crescimento de atividades não agrícolas, sobretudo na área de serviços, nos moldes do que vem ocorrendo nos países avançados da Europa e da América do Norte. Nesse sentido, o meio rural não seria apenas o lugar da produção agrícola, mas também um espaço diferenciado, capaz de oferecer à população urbana, padrões de residências específicas e de lazer ligadas ao contato com a natureza (WANDERLEY, 2001, p. 38).

De acordo com as Sinopses dos Censos Demográficos do IBGE, de 1980 para 2010, os domicílios de uso ocasional do município de Meruoca saltaram de 206 para 591 unidades. Na Tabela 5 é possível observar, nesse período, o expressivo crescimento dessas habitações na zona rural. Tal destaque foi mantido no último Censo, que registrou um total de 4.722 domicílios no município, dos quais 591 (12,5%) eram de uso ocasional, estando 169 (29%) desses localizados na zona urbana e 422 (71%) na zona rural (BRASIL, 2010).

Tabela 5: Domicílios de uso ocasional no município de Meruoca – 1980/2010

Condição dos domicílios	1980	1991	2000	2010
Urbana	28	99	182	169
Rural	178	255	353	422
Total	206	354	535	591

Fonte: IBGE – Sinopses dos Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010.

Em Meruoca o padrão arquitetônico das segundas residências se destaca na paisagem e destoa da maioria das primeiras residências. São belas casas com jardins, sítios e chácaras com fruteiras, alpendres, churrasqueiras, chuveiros, garagens e até piscinas para as famílias aproveitarem com mais conforto as estadas de lazer (Fotos 10 e 11). Os proprietários mais abastados também possuem uma pequena residência para o caseiro e sua família.



Fotos 10 e 11: Mansões de segunda residência na Meruoca. Fonte: Lenilton Assis, 2009.

A falta de ações mais efetivas dos órgãos públicos competentes (Prefeitura, SEMACE e IBAMA) permite o aumento desordenado das habitações de lazer, que têm ocasionado impactos ambientais em Meruoca, especialmente com construções em áreas de declive, que deixam as vertentes e os solos expostos ao intemperismo e à lixiviação no período de chuvas (Fotos 12 e 13). Desmatamentos de encostas e substituições de espécies nativas por jardins particulares também são comuns, assim como os riscos de contaminação dos lençóis freáticos com construções de fossas sépticas sem maior acompanhamento técnico. Há casos ainda de lixo e de esgotos domésticos que contaminam os cursos d'água da serra.



Fotos 12 e 13: Construção e concentração de segundas residências em áreas de declive. Fonte: Lenilton Assis, 2009.

Esses impactos são conhecidos e alvos de críticas de muitos meruoquenses, conforme captamos no depoimento de uma dona de casa:

Por um lado, a presença dessas casas aqui é bom, mas, por outro, é ruim porque já está agredindo muito a natureza. É muito lixo, muita coisa jogada fora. Quando era só os pobres mesmo, era pouco lixo. [...] Mas, eles trouxe muita coisa boa também em termo de dinheiro. Antes, não tinha emprego. Agora, tem

um pouco pra se ganhar. A maioria das pessoas toma conta de lotes. O pessoal entrega a eles para trabalhar e só vem nos finais de semana. Eles trabalham aguçando jardim, cuidando das casas.

Todavia, de modo geral, percebemos uma avaliação positiva quanto à expansão dos domicílios temporários na serra, devido à geração de empregos diretos e indiretos que eles acarretam com o incremento de atividades não agrícolas no meio rural.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrado neste ensaio, no campo brasileiro, ocorre o aumento de atividades agrícolas e não agrícolas que proporcionam às populações ali residentes mais possibilidades de melhoria da qualidade de vida com a ampliação de emprego e renda.

A despeito das críticas que a pluriatividade suscita (especialmente aos geógrafos), o incremento de atividades não agrícolas na serra da Meruoca pode ser visto como algo positivo para a sobrevivência e a manutenção do agricultor no campo.

Todavia, os pequenos agricultores ainda permanecem com velhas práticas que não lhes possibilitam maiores ganhos na produção. Cultivam apenas o suficiente para o sustento das famílias e poucos são os que conseguem ter um excedente para venda no mercado regional.

Urge a necessidade de políticas públicas que deem condições aos pequenos produtores de desenvolver os princípios da agricultura sustentável, ou seja, que causem menos impactos ambientais, gerem mais renda e inclusão social.

A agricultura familiar necessita de maiores investimentos para a sua modernização e maior produção. Em conjunto, parcerias devem ser criadas com a EMBRAPA, EMATERCE e IBAMA para a oferta de cursos e capacitações que orientem os agricultores da Meruoca para o não uso de técnicas rudimentares inadequadas que degradam o solo e comprometem a própria atividade agrícola.

Há também falta de maior fiscalização e ordenamento do uso e ocupação do solo para coibir o avanço da especulação imobiliária na serra da Meruoca. A formação de associações de agricultores e de conselhos de moradores pode ajudar na fiscalização das construções irregulares, com denúncias aos órgãos competentes para que apliquem as normas do Código de Edificações e as leis ambientais – como a APA recém-criada que precisa “sair do papel” e se tornar um instrumento prático e efetivo de proteção dos ecossistemas e da população local.

Dessa forma, tais medidas podem contribuir para o fortalecimento de atividades agrícolas e não agrícola que evitem o êxodo rural na Meruoca e a migração de pequenos agricultores para outras regiões.

#### REFERÊNCIAS

ASSIS, Lenilton Francisco de. A expansão das residências secundárias numa área de transição urbano-rural: a serra da Meruoca (CE). In: VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2007, **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFF, 2007. 1 CD.

BALSAN, Rosane. Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira. **CAMPO-TERRITÓRIO**: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006.

BIAZZO, Pedro Paulo. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA – ENGRUP, **Anais eletrônicos...** São Paulo, pp. 132-150, 2008, Disponível em: [http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/ivengrup/pdf/biazzo\\_p\\_p.pdf](http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/ivengrup/pdf/biazzo_p_p.pdf) Acesso em: 17 maio 2012.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 11, outubro 1998. p 53-75



CEARÁ. Governo do Estado. Instituto de Pesquisa e de Estratégia Econômica do Ceará (IPE-CE). **Perfil Básico Municipal - Meruoca**. Disponível em: <http://www.iplance.ce.gov.br> Acesso em: 17 de março 2012.

COELHO, Modesto Siebra. Uma rurbanização nos contrafortes de Meruoca? (Ensaio de aplicação de novas categorias em Geografia Urbana). **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral-CE: UVA, v.1. n.1., p. 14-28, 1999.

FALCÃO, Cleire Lima da Costa; SILVA, José Ronaldo Coelho. Avaliação preliminar dos efeitos da erosão e de sistemas de manejo sobre a produção e um argissolo na Serra da Meruoca – Ceará. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral, v. 4/5, p. 17-34, 2002/2003.

FALCÃO, Cleire Lima da Costa. Um enclave em meio ao semi-árido nordestino: o maciço da Serra da Meruoca e o uso da terra. In: COSTA FALCÃO, Cleire Lima da; FALCÃO SOBRI-NHO, José; SOUSA, Raimundo Nonato Rodrigues de (Orgs). **Semi-Árido: diversidades naturais e culturais**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008, p. 27-46.

HENRIQUE, Wendel. A cidade e a natureza: a apropriação, a valorização e a sofisticação da natureza nos empreendimentos imobiliários de alto padrão em São Paulo. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 20, p. 65-77, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso: 17 de dezembro de 2010.

LIMA, Ernane Cortez. A serra da Meruoca. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral-CE: UVA, v.1. n.1., p. 45 - 49, 1999.

PIRES, André. **Ruralidades em transformação: agricultores, caseiros e moradores de condomínio**. São Paulo: Annablume, 2007.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**. n. 2., Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005. p. 45-66

\_\_\_\_\_. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**. Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006.

SANTANA, Antônia Neide Costa. **Pequenas cidades do Ceará no (des)encontro do urbano e do rural: Groaíras e Meruoca em discussão**. 2011. 235f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2011.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SCHNEIDER, Sergio. Rurbanização e pluriatividade: o mercado de trabalho não-agrícola e a pluriatividade das famílias em áreas rurais (um estudo de caso). In: CARVALHO, Fátima de; GOMES, Marília Maciel; LÍRIO, Viviane Silva (org.) **Desigualdades sociais pobreza, desemprego e questão agrária**. Viçosa, 2003, p. 151 - 188.

\_\_\_\_\_. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. In: GRAMMONT, Hubert Carton de; MARTINEZ VALLE, Luciano (Org.). **La pluriactividad en el campo latinoamericano**. Quito/Equador: Ed. Flacso - Serie FORO, 2009, v. 1, p. 132-161.

SILVA, José Graziano da; DEL GROSSI, Mauro Eduardo. O novo rural brasileiro. Disponível em: [http://www.iapar.pr.gov.br/arquivos/File/zip\\_pdf/novo\\_rural\\_br.pdf](http://www.iapar.pr.gov.br/arquivos/File/zip_pdf/novo_rural_br.pdf) Acesso em: 21 março 2011.

SUZUKI, Júlio César. Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação. **Revista Nera**. Presidente Prudente, Ano 10, n. 10, p. 134-150, jan-jun./2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf> Acesso em: março de 2008.